

RESENHAS

CRECHES E PRÉ-ESCOLAS NO HEMISFÉRIO NORTE

Fúlvia Rosemberg e Maria Malta Campos (orgs.)
São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1994

Num contexto no qual cada vez mais se publica aquilo que poderíamos chamar de "livros-postais", finos, rápidos, superficiais e de baixo custo, é preciso louvar que as autoras e a editora tenham assumido a tarefa de publicar este livro denso, sólido, consistente. Sem falar que *Creches e pré-escola no Hemisfério Norte* traz conteúdos muito importantes para subsidiar a pesquisa em educação infantil e o delineamento de políticas públicas, ocupando uma lacuna existente na área da infância. Mas esse não é seu único mérito.

Reunindo textos que descrevem experiências de Educação e cuidado com a criança em cinco países do Hemisfério Norte (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Suécia), além de um balanço sobre a formação de profissionais para a educação infantil em onze países da Europa, o livro possibilita várias formas de abordagem, de leituras, de entrada nos textos. Escrito por autores estrangeiros e brasileiros, ele apresenta, na forma de coletânea, uma diversidade fundamental de propostas de países do Hemisfério Norte, com diferentes concepções de infância, atendimento, cuidado, educação e múltiplas perspectivas de formação dos profissionais, de relação com a família etc. Além disso, engloba relações entre as propostas de educação infantil, os movimentos organizados da sociedade civil e o Estado.

Por outro lado, diversas discussões interessantes são ensejadas pelos diferentes projetos. Desde questões de ordem política, ou de política pública, tal como a centralização/descentralização dos programas em nível nacional, até questões que remetem ao vínculo entre a educação infantil e a lógica do consumo, com a progressiva invasão do mercado dos jogos e materiais diversos destinados ao público infantil. Como acontece na modernidade, há sempre um "novo" en-

tendido como descartável, cada vez mais necessitando de superação.

Agora, dada a pluralidade de alternativas apresentadas, pensamos que vale a pena pontuar alguns aspectos de cada um dos textos incluídos no livro. Aspectos que — a nosso ver — caracterizam as diferentes propostas. É claro que o leitor poderá encontrar outras nuances e questões que considera mais relevantes, já que toda leitura se abre a muitas interpretações.

No que diz respeito a "Educação infantil nos Estados Unidos", Fúlvia Rosemberg aponta, entre outros aspectos, a falta de um organismo central que organize as diferentes propostas de educação e cuidado com a infância, o que tem implicado um crescimento anárquico e desorganizado desses setores. Lá, assim como no Brasil, observa-se a fragmentação dos serviços e a coexistência de várias instâncias responsáveis pelo trabalho com a criança pequena: as creches são vinculadas ao bem-estar social enquanto as escolas materiais estão ligadas ao setor educacional. Diferentes abordagens teóricas e conceituais estão presentes: assim é que especialmente as creches são marcadas por uma preocupação com a saúde mental das crianças e de suas famílias, enquanto, de uma maneira geral, destaca-se a ênfase numa perspectiva individual de desenvolvimento da criança. Não deixa de surpreender essa constatação e essa aproximação com a nossa realidade, embora o texto destaque a iniciativa, nos Estados Unidos, de criação de um Centro de Referência e Recursos que centraliza e divulga informações sobre vagas, equipamentos e direito da família. Por outro lado, há que se registrar que a educação infantil, na visão da autora, faz parte do mercado de trabalho e de consumo norte-americanos e vai sendo tomada progressivamente pelo setor privado, organizando-se em torno da competição econômica.

Também relativo aos Estados Unidos, o texto de Zilma Moraes Ramos de Oliveira segue "Discutindo

um experiência americana de educação infantil: a escola Bank Street". Vale a pena dizer que Bank Street é um centro de formação de professores e de pesquisa educacional, com tradição voltada para o desenvolvimento da criança, orientando diversas experiências de educação infantil daquele país. Baseado, segundo a autora, numa visão teórica eclética, esse centro reúne princípios tanto da escola européia, quanto da *gestalt*, da teoria psicodinâmica de Piaget etc. Hoje, o que se busca é uma "interação desenvolvimentista", que vê o desenvolvimento infantil como o resultado da interação de aspectos cognitivos e afetivos, promovida pela relação ativa entre sujeito e ambiente. Nesse contexto, o papel do professor é visto como o de mediador entre o aluno, o mundo da família e da sociedade mais ampla. Zilma destaca, além disso, que esse professor está sempre à frente, dirigindo a implementação da proposta. Outro aspecto que merece também ser enfatizado é a preocupação nas creches com os sentimentos, os aspectos emocionais e sensíveis da criança. De uma forma mais geral, predomina a valorização do indivíduo, do trabalho com autonomia que — nos termos do texto — são mais valorizados do que a dimensão social.

"A política de cuidado e educação infantil na Suécia", tema abordado por Lars Gunnarsson, destaca o processo histórico de um programa abrangente de atendimento à infância que esteja apoiando família de crianças pequenas de uma maneira geral. Diversas são as modalidades de atendimento que vêm se conjugando nesse sentido: creches, cooperativas de pais, creches domiciliares, pré-escolas, centros para depois da escola e pré-escolas abertas (os pais participam junto com as crianças de atividades orientadas por educadores). Cabe dizer que as diretrizes gerais estão centradas na interação criança-criança e criança-ambiente, valorizando o brincar e as experiências infantis. Tais diretrizes são formuladas em nível nacional e o planejamento é responsabilidade assumida em nível local; todas essas iniciativas contam com apoio dos municípios, tanto em termos de equipamento

quanto dos recursos humanos necessários aos programas. Mais do que isso, vale registrar o caráter dinâmico desses programas, destacando-se o aspecto inovador da participação das famílias seja no planejamento diário das atividades, seja no próprio desenvolvimento e implementação das propostas.

Discutindo "Entre a experiência e os novos projetos: a situação da creche na Itália", Patrícia Orzola Ghedini enfatiza em primeiro lugar o valor social que é dado à creche na Itália, em particular no norte e centro do país, que são o foco de sua análise. As crianças são consideradas como sujeitos sociais, o que contribui para a reivindicação crescente de ações e serviços públicos de qualidade. A implantação e o desenvolvimento de diversos serviços congregam várias instâncias, tais como autoridade, pais, sindicatos, trabalhadores de creche e forças políticas interessadas, que se agenciam a fim de em conjunto conceber e concretizar as propostas. Importante acrescentar que, cada vez mais, o Estado intervém diretamente no cuidado e educação das crianças pequenas, ocupando o papel anteriormente desempenhado pela iniciativa privada. Da mesma maneira, os municípios assumem de modo progressivamente mais intenso a liderança e ação inovadora desses serviços. Segundo a análise da autora, os equipamentos de educação infantil, além de fornecerem educação e cuidado — que consistem na demanda social específica dos pais —, são centros de comunicação e promoção cultural de conceitos pedagógicos entre os adultos. Tal dimensão cultural tem grande importância para essa experiência que, em vez de currículo para a pré-escola, propõe a pedagogia das interações, em que a troca é o instrumento central, nos mais variados níveis, e o papel do outro é sempre crucial. Redimensiona-se aqui inclusive o papel da relação mãe-criança que tradicionalmente, nas teorias do apego, é abordada de maneira mais determinante.

Já em "Impressões sobre as creches no norte da Itália: *bambini si diventa*", Ana Lúcia Goulart de Faria apresenta uma proposta que tem uma concepção de

infância construída nas relações sociais, reconhecendo e valorizando o direito de ser criança. A autora mostra como as propostas vão se delineando num contexto social no qual emerge uma cultura da infância, o que representa uma nova atitude de respeito à criança, em várias esferas da sociedade, não só na educativa. A educação funciona com qualidade, flexibilidade e diversidade de oferta numa rede pública de serviços, estando, de acordo com a autora, a vanguarda desse tipo de atendimento garantida pela sua qualidade e não pela cobertura que é, ainda, reduzida. As creches estão centradas na dimensão educativa, tendo superado tanto um cunho assistencial, cujo foco é a mãe, quanto um cunho preparatório, calcado numa visão de criança enquanto aluno, visando a continuidade no nível da escola elementar. Aqui nesta proposta, a criança é percebida como um outro, diferente, um ser competente, capaz de relações complexas, que desafia o adulto. Estão também em destaque as interações adulto-criança e criança-criança, procurando-se recuperar também a própria dimensão criança do adulto, seu caráter lúdico, a necessidade de sua ação prazerosa. Outro aspecto que merece ser ressaltado é a importância conferida, pela proposta, à produção de novos conhecimentos inerentes à prática educativa e a partir dela. Por outro lado, há outros espaços públicos da mesma natureza, que vão sendo criados em função da demanda social, sempre numa perspectiva de ampliação dos serviços e não apenas em substituição aos já existentes. Essa proposta aponta, assim, não só para o contexto cultural da criança pequena, mas também para o sentido de creche como lugar de resistência e transgressão na conquista de uma nova sociedade.

Temos em seguida o texto de Gisela Wajskop, "Atendimento à infância na França", em que a autora enfatiza que a política para a pequena infância nesse país vem-se caracterizando pelos princípios da "neutralidade" e "livre escolha". Isto quer dizer que não há priorização de investimentos em creche por parte do governo, ficando nas mãos dos pais e das comuni-

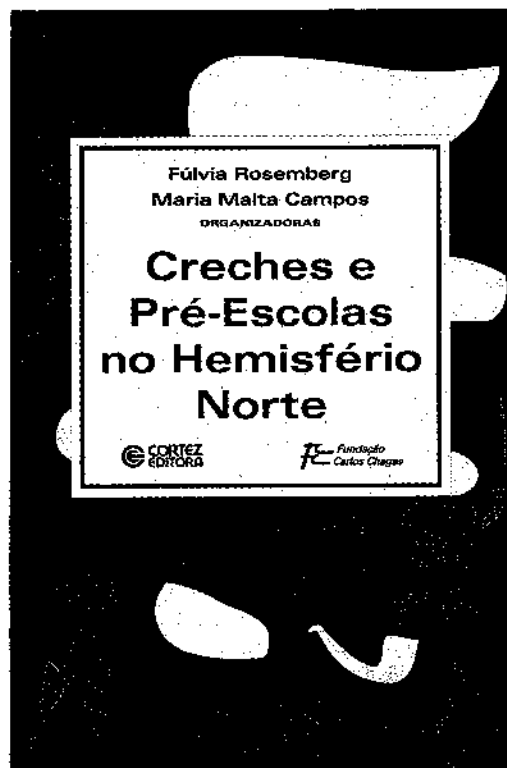
dades as decisões quanto à destinação dos recursos disponíveis, o que implica o desenvolvimento de serviços e estruturas de cuidado/educação diversos. As políticas para a pequena infância são públicas e gratuitas, vinculadas à área da saúde pública. Há, portanto, uma preocupação com as famílias e com as mulheres, garantindo benefícios sociais para os cidadãos que têm crianças pequenas sob sua responsabilidade. Segundo a autora, é alta a valorização da creche por parte da população, sendo progressivamente maior a demanda pelas maternais, de um lado por conta do próprio crescimento populacional, de outro lado, pela gradativa valorização da dimensão educativa. Nesse contexto, destaca-se um movimento hoje no sentido de repensar a estrutura escolar da educação infantil numa perspectiva de integrar, no atendimento centrado na criança, o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, psicológico e biológico. Cabe também ressaltar que, no contexto atual da França, a questão que se coloca como fundamental, mais do que a quantidade, é a conquista da qualidade da educação infantil, qualidade como uma idéia ligada ao bem-estar da criança, relacionada ao seu meio ambiente que deve ser estruturado para lhe assegurar estabilidade e afeto. Além dessa discussão, a autora apresenta, ainda, uma análise de caráter mais específico do trabalho realizado no dia-a-dia tanto das creches quanto das escolas maternais.

Os dois artigos seguintes, "Educação de crianças pequenas e de seus professores em três países europeus", de Christine Pascal e Anthony Bertram, e "Mudanças no contexto da formação do educador infantil na Europa", de Christine Pascal, Anthony Bertram e Peter Heaslip, levantam questões fundamentais sobre a situação da educação infantil no contexto europeu. Fruto de discussões amplas em torno da qualidade dos serviços que atendem à infância, esses textos trazem uma visão do papel do educador nesses países do Hemisfério Norte e os caminhos da sua formação. Há que se destacar, ainda, a diversidade de contextos com que os educadores têm lidado, as

rápidas e intensas mudanças sociais que tais propostas de formação precisam acompanhar, o que implica a urgência de sua reformação a fim de que possam responder a essas mudanças. O novo papel da mulher na sociedade, as novas tendências demográficas, a evolução dos padrões de vida familiar, assim como a criação do Mercado Europeu Unificado e a queda da barreira entre Leste e Oeste, vêm intensificando o movimento de competição entre os países, trazendo a necessidade de demonstrar investimento na melhoria da qualidade de vida da população, o que está diretamente relacionado ao incremento dos sistemas educacionais, entendidos como focos de mudança e desenvolvimento. Nessa perspectiva, o texto trata da expansão do investimento em educação na Europa, das novas abordagens de ensino e currículo, bem como dos componentes de mercado que vão sendo introduzidos na educação, apresentando, também, as principais tendências e questões relativas ao atendimento à infância nesses países.

Ao final, Maria Malta Campos analisa a "Educação infantil no Primeiro Mundo: uma visão daqui de baixo do Equador" em que procura integrar, comparar e relacionar as diferentes propostas contidas no livro. Esse texto possibilita o estabelecimento de pontes com a realidade brasileira e, mais do que conclusões, apresenta a visão da autora sobre o tema, funcionando como complemento da breve apresentação do livro. Sugerimos, inclusive, aos leitores que esse texto seja lido em seguida à apresentação. Dentre os pontos abordados, cabe destacar a dimensão formadora da educação, a dinâmica e complexidade das interações que têm lugar nas creches, a dupla função de educação e cuidado das diversas modalidades de educação infantil, a tendência dos currículos, a disparidade de condições nas diferentes propostas, tanto nos aspectos materiais, de recursos humanos, ou na inserção dessas iniciativas na realidade cultural e social da população de cada país. O texto problematiza, assim, a farta gama de temas, problemas e questões que são matéria do livro como um todo.

Enfim, como comentário geral, podemos dizer que este livro se configura como leitura necessária para aqueles que estão envolvidos com a elaboração de políticas de educação infantil, com a formação de profissionais, com a pesquisa, acompanhamento, avaliação ou confecção de materiais de apoio para a prática, seja em órgãos públicos, secretarias municipais ou estaduais, seja em fundações ou organizações não-governamentais voltadas para a criança. Oxalá possamos assistir à expansão quantitativa e à melhoria progressiva da qualidade do trabalho feito com crianças também em países onde a desigualdade social tem sido a marca, nessa nossa história de pobreza e exclusão. Oxalá o público tenha acesso a ou-



tra coletânea que reúna experiência de creches e pré-escolas no Hemisfério Sul! Esta é uma tarefa que — esperamos — Maria e Fúlvia possam em breve realizar, como mais uma de tantas contribuições que elas têm trazido para a educação da criança brasileira.

Sonia Kramer
Daniela de Oliveira Guimarães

CONQUISTANDO O MUNDO DA ESCRITA

Maria Alice Setúbal e Silva
São Paulo: Ática, 1994

O período de alfabetização é um ritual de passagem: a criança desvela a língua, os signos, ao mesmo tempo em que descobre os rituais escolares e as possibilidades que a entrada na instituição educadora lhe propiciam. O processo é lento e encantador, necessita de muitas parcerias, de grande esforço pessoal e de valiosos instrumentos.

Para o pesquisador e/ou educador, compreender esse rito é fundamental, pois lhe permite refazer o próprio caminho de inserção no mundo letrado, no qual, desde tão tenra idade, estamos mergulhados. O estudo desse processo tem apaixonado um grande número de pesquisadores nos últimos anos, que, debruçados sobre as garatujas das crianças, tal qual arqueólogos, buscam significados, procuram entender o percurso, conhecer as rotas, atalhos e instrumentos que levam à apropriação da leitura e escrita.

Os pesquisadores, então, desvelam, como as crianças, os sentidos dessa fase, buscando soluções para as conhecidas mazelas do ensino-aprendizagem das séries iniciais, mediante a elaboração de instrumentos que facilitem o caminhar de professores e alunos, ou a constituição de um corpo teórico que auxilie na compreensão dos fatos. Provavelmente essa busca esteja também ligada à necessidade da descoberta

de mistérios, impulsionada pelo desejo incessante de adentrar no desconhecido à procura de um pouco mais de luz sobre nossa própria história.

Por essas razões, o aparecimento de um novo livro sobre o processo de leitura e escrita nas séries iniciais precisa ser celebrado, especialmente quando sua novidade advém não somente do fato de ser recente, mas de propiciar um novo olhar sobre o tema — e é esse o caso do livro de Maria Alice Setúbal. Ele mostra, a princípio, como a pesquisa acadêmica pode fazer uma aliança profícua com a prática, não só porque parte dela, mas porque aponta direções claras para repensá-la. Essa pesquisa, realizada em 1989, analisa a evolução da escrita de 363 crianças de 1ª série, distribuídas em dezessete classes de sete escolas da rede pública da cidade de São Paulo.

O livro se divide em quatro capítulos. No primeiro, a escrita é discutida no contexto social mais amplo e no escolar. No diálogo com estudiosos a respeito do tema destacam-se os principais conceitos que serão abordados ao longo do livro. Nesse percurso inicial, depara-se com a dinâmica do processo de aprendizagem, um vez que os próprios autores que amparam a discussão propõem esse jogo. As idéias de Lúria e Ferreiro a respeito do desenvolvimento da escrita infantil são um desses eixos que conduzem à busca de entendimento a respeito da leitura e escrita. Essa busca se apóia no conceito de interação social, pois para a autora "é necessário discutir, sim, o processo interno do aluno, mas também o papel do professor, o conteúdo das propostas e o contexto sociocultural em que ele está inserido" (p.38). O movimento também é decorrente do entrelaçamento de fatores afetivos, cognitivos e sociais aqui analisados do ponto de vista de Wallon, que valoriza o conflito e as transformações e procura uma compreensão globalizante da criança. Ao caminhar nessa leitura percebemos que as implicações desse jogo não são simples e que a apropriação da língua escrita "acarreta uma diversidade" que será reencontrada na análise dos dados da pesquisa.